

Rota da seda: trânsitos culturais e sagrados nos caminhos da China

Silk Road: cultural transits and paths sacred in China

*Maria Lucia Abaurre Gnerre*¹

Resumo

Neste artigo de caráter introdutório, vamos tecer uma análise histórica de alguns aspectos da famosa Rota da Seda enquanto espaço de trocas religiosas e culturais, sobretudo entre Índia e China. Neste sentido, analisaremos a formação histórica da rota da seda e os frutos de cruzamentos culturais que nela se desdobram, como a famosa escola de Gandhara de arte Greco-budista, e também o próprio budismo Chinês, enquanto fruto destes trânsitos religiosos e culturais pelos múltiplos caminhos que passam a compor a chamada Rota da Seda.

Palavras-Chave: Rota da Seda, China, Índia, Budismo, Arte.

Abstract

In this introductory paper, we will develop a historical analysis of some aspects of the famous Silk Road as a network of religious and cultural exchanges, especially between India and China. In this sense, we will analyze the historical development of the Silk Road and the results of important cultural intersections that occur in it, like the famous Gandhara school of Greco-Buddhist art, and also the Chinese Buddhism itself, which can be considered a result of these religious and cultural transits by the multiple paths that comprise the so-called Silk Road.

Keywords: Silk Road, China, India, Buddhism, Art.

¹ Doutora em História pela Unicamp, professora do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Membro do Grupo Padma (CNPq/UFPB) de pesquisas em religiões e filosofias orientais. E-mail: marialucia.ufpb@gmail.com

1. As rotas, os roteiros de viagem e o oriente: uma introdução

Nossa proposta neste artigo de caráter introdutório, é a tessitura de uma análise histórica de alguns aspectos da famosa Rota da Seda enquanto espaço de trocas religiosas e culturais, sobretudo entre Índia e China. Antes de adentrarmos na análise desta rota específica bem como dos trânsitos religiosos que nela se desdobram, faremos um breve preambulo sobre os conceitos de “rota” e “roteiro de viagem” – conceito este, que se inaugura no ocidente, justamente a partir do roteiro das viagens de Marco Polo através da rota da seda.

Em linhas gerais, as rotas podem ser consideradas como caminhos ou vias terrestres, marítimas, e mais recentemente aéreas. Não correspondem sempre a estradas fisicamente demarcadas. São muitas vezes percursos imaginários, compostos de lugares ou referenciais que devem ser descritos para que possam ser percorridos por viajantes futuros. Para cumprir esta missão, de descrição das rotas, surgem os roteiros de viagem que se constituem enquanto gênero textual que fundamenta toda uma tradição de “literatura de viagens”²

Os roteiros servem tanto para descrever caminhos já percorridos por viajantes quanto para sinalizar o percurso aos viajantes em pleno movimento, ou mesmo para sugerir caminhos em viagens futuras. E, quer no passado, quer no futuro, estão intrinsecamente relacionadas ao próprio conceito de viagem, sobre o qual nos fala Todorov

O que não é uma viagem? Por menos que se dê um sentido figurado a esse termo – e jamais pudemos deixar de fazê-lo – a viagem coincide com a vida, nem mais, nem menos: o que é esta, além de uma passagem do nascimento à morte? O deslocamento no espaço é o indício primeiro, o mais óbvio, da mudança; ora, quem diz, diz mudança. O relato também se

² GNERRE, Maria Lucia A. Uma viagem às engrenagens da Máquina Mercante: O texto anônimo do Roteiro do Maranhão a Goiaz. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, 2006, p. 48.

alimenta da mudança; nesse sentido, viagem e relato aplicam-se mutuamente³.

Assim, a viagem pode carregar este sentido figurado, relacionado à própria vida: é sempre uma passagem, uma jornada, uma travessia. E como tal, reveste-se de mistérios e elementos ainda desconhecidos. Somente ao percorrer o caminho o viajante passa efetivamente pelas experiências que aquele caminho guarda para a sua passagem. E, justamente para auxiliar nesse processo de percorrer caminhos desconhecidos, surgem os famosos roteiros de viagem: textos que passam a servir como faróis, sinalizando trajetos desconhecidos e oferecendo ao viajante uma promessa de familiaridade com seu percurso.

O texto que pode ser considerado como “fundador” dessa categoria é justamente a descrição da viagem feita por Marco Polo em sua obra *Il milione* (ou o *Livro das Maravilhas*) datada do fim do século XIII. O famoso mercador e viajante italiano era originário da Dalmácia (atual Croácia), que, na época província veneziana. Suas aventuras no oriente se iniciam com a tenra idade de dezessete anos, quando embarca em sua jornada ao extremo oriente acompanhando o pai e o tio, ambos mercadores. Grande parte do trajeto é feito pela rota da seda. Assim, após cruzar a Turquia, atravessa o golfo da Pérsia, o Afeganistão e o Paquistão, até chegar à capital do Império Mongol, em 1275⁴.

Marco Polo teria permanecido por 17 anos na China (então dominada pelos Mongóis) exercendo funções administrativas e diplomáticas na corte do soberano Kublai Khan, neto de Gengis Khan. Consta em seu relato que em 1295 os viajantes da família Polo teriam acompanhado uma princesa mongol até a Pérsia, e então voltam a Veneza, com riquezas e especiarias. Após seu retorno Marco Polo é feito prisioneiro em uma batalha entre venezianos e genoveses, antigos rivais. E, teria sido justamente na prisão, em Gênova, que o mercador

³ TODOROV, Tzvetan. “A viagem e seu relato”. *Revista de Letras*, São Paulo, v.46, n.1, p.231-244, jan./jun. 2006, p. 231.

⁴ LANZA, Giorgio (org.) Marco Polo: *Il Milione*. Pavia (Itália): L'Unità - Editori Riuniti, 1982.

veneziano se encontra com o escritor toscano Rustichello di Pisa, responsável pela redação do *Livro das Maravilhas - A Descrição do Mundo*. No decorrer dos séculos, o Livro das Maravilhas transforma-se num clássico da chamada “literatura de viagens”, ganhando versões em diversas línguas. As informações geográficas nele contidas também passam a ser utilizadas nas viagens marítimas dos séculos XV e XVI. Mas o elemento mais relevante sobre o texto atribuído a Marco Polo, é, a nosso ver, a forma como esta obra institui a descrição das terras do oriente, bem como a descrição do percurso em “dias de viagem” ou “jornadas”. Esta medida, embora vaga para nossos padrões atuais, tornar-se ia padrão para diversos textos de roteiros terrestres escritos nos séculos seguintes⁵.

A passagem a seguir nos dá um exemplo claro desta dinâmica descritiva do texto de Marco Polo:

Sobre a grande China: Quando o homem parte desta província sobre a qual já relatei, o homem desce pela Grande China, que fica distante duas jornadas e meia da China. E nestas duas jornadas (e meia) não há coisas de se contar, salvo que há uma grande praça na qual se faz uma feira em certos dias do ano. Nela comparecem muitos mercadores carregados de ouro e pra e outras mercadorias, e é uma grandíssima feira (...) Quando o homem passa estas duas jornadas, o homem encontra uma província por volta do meio dia que está nos confins da Índia, que é chamada de Amien. Quando o homem passa estas duas jornadas, o homem encontra uma província por volta de meio dia, nos confins da Índia, que é chamada de Amien. Depois disso segue o homem durante 15 dias por lugares desabitados sujos, com muitas florestas e bosques, e onde há elefantes, unicórnios e muitos animais diferentes; porém não há homens nem habitações.⁶

⁵ GNERRE, Maria Lucia A. Op. Cit., p.48.

⁶ POLO, Marco. Tradução nossa com base na versão italiana de: LANZA, Giorgio (org.) Op. Cit., p. 38. Texto original: De la grande china. Quando l'uomo si parte di questa provincia ch'i' v'ò contato, l'uomo discende per una grande china, ch'è bene due giornate e mezzo pur a china. E in quelle 2 giornate (e mezzo) no àe cosa da contare, salvo che v' à una grande piazza, ove si fa certa fiera certi dí de l'anno. E quine vegnono molti mercatanti, che recano oro e ariente e altre mercatantie assai, ed è grandissima fiera. E quelli che recano l'oro quie, neuno puote andare in loro contrada, salvo eglino, tanta è contrada rea e divisata da l'altre; né neuno può sapere ov'elli istanno, perché neuno vi puote andare. Quando l'uomo à passate queste 2

Justamente neste texto de Marco Polo temos uma descrição inaugural sobre a China aos olhos ocidentais. E, nesta descrição, vemos a presença marcante de elementos “maravilhosos” como os unicórnios que, junto de elefantes, povoam as florestas do oriente. É importante notarmos que, se por um lado o texto busca narrar as jornadas de viagem de forma relativamente precisa, por outro incorpora elementos fantásticos em sua descrição. Ao nosso ver, o fantástico, o maravilhoso, não desqualificam o texto como fundador deste gênero dos “Roteiros de viagem”, que se tornaria cada vez mais geograficamente preciso nos anos seguintes, pelo contrário: no texto de Marcopolo, o maravilhoso é parte integrante do roteiro da viagem, e qualquer questionamento sobre a sua “realidade” teria um caráter anacrônico. Além disso, a grande relevância da obra no contexto deste artigo é justamente sua descrição inauguração das terras da China e outras terras do levante que seriam alcançadas justamente através da rota da Seda. Por isso a rota da seda tem um papel fundamental no imaginário ocidental dos descobrimentos que se desenvolvem nos séculos seguintes, e serve como base para uma conexão imaginária com animais fantásticos e desconhecidos, povos, religiões e culturas daquilo que historicamente denominamos “oriente”.

Desta forma, tanto a viagem de Marco Polo, quanto a própria rota da seda desempenharam ao longo do tempo um importante papel no desenvolvimento da categoria de “oriente” enquanto invenção cultural e política do próprio “Ocidente”. Justamente este é o argumento de Edward W. Said em sua obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Nesta obra, Said mostra que o “Oriente” não é apenas mais uma denominação geográfica entre outras (como os pontos cardeais do leste, oeste, norte ou sul). Mas sim, é uma categoria que resulta de um processo histórico de formação de um

giornate, l'uomo truova una provincia verso mezzodie, ed è a le confini de l'India, ch'è chiamata Amien. Poscia va l'uomo 15 giornate per luogo disabitato (e) sozzo, ov'à molte selve e boschi, ov'à leofanti e lunicorni assai e altre diverse bestie assai; uomini né abitagioni non v'à. (Polo, in: Lanza, 1982, p. 38)

imaginário social e cultural que concebe o oriente como sendo o lugar do outro, da diferença, embora este imaginário do outro, muitas vezes seja fabricado a partir de ficções⁷. Nessa perspectiva, o unicórnio que segundo Marco Polo habitava as florestas entre Índia e China pode ser compreendido como uma destas narrativas ficcionais que colaboram para este imaginário do oriente pautado por diferenças em diversos níveis – inclusive na fauna e na flora. Assim, os encontros e desencontros proporcionados pela rota da seda teriam desenvolvido um papel crucial nessa construção do oriente pelo olhar ocidental.

2. Uma rota, muitos caminhos: trânsitos e trocas na(s) rota(s) da seda

A Rota da Seda era uma rede de rotas de comércio, formalmente estabelecidas durante a dinastia Han da China, que interligava regiões do mundo antigo. A rede de estradas teria sido regularmente utilizada a partir de 130 a.C., quando a dinastia Han abriu oficialmente o comércio com o Oeste, até 1453 d.C., quando o Império Otomano passa a boicotar o comércio com o Oeste e fecha as rotas⁸.

O termo “Rota da Seda” para designar esta rede de estradas foi criado pelo geógrafo alemão, Ferdinand von Richthofen, em 1877. É oportuno mencionarmos aqui que, justamente o fim do século XIX, é considerado por Said⁹ como um período de grande vigor nos estudos acadêmicos sobre o oriente, sobretudo entre alemães, britânicos e franceses. Afinal, é neste momento histórico que se consolida o “orientalismo” enquanto campo do saber que envolve múltiplas disciplinas a serviço da compreensão, e consequente

⁷ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 19.

⁸ MARK, Joshua J. “Silk Road” In: *Ancient History Encyclopedia*. London, 2014. Versão online: http://www.ancient.eu/Silk_Road/. Acesso em 20/10/2015

⁹ SAID, Edward. Op. cit., p.20.

domínio, do oriente pelas potências ocidentais. A geografia é uma das disciplinas que fazem parte deste contexto orientalista. Por isso, é significativo o fato de que justamente um geógrafo alemão tenha produzido a denominação através da qual esta famosa rota ficaria conhecida no ocidente. Afinal, o estabelecimento de uma nomenclatura para o caminho é também uma forma de domínio sobre o mesmo. No entanto, o nome “Rota da seda” traz alguns problemas em si mesmo:

1) Em primeiro lugar estamos tratando de uma “teia” de caminhos e não de uma rota única. No entanto, todos esses caminhos começavam na capital Changang (Xi’an), subiam pelo corredor de Gansu e atingiam as bordas do Taklamakan, de onde se bifurcavam com diferentes caminhos para o norte e o sul.

2) Em segundo lugar, a rota não foi estabelecida com o simples propósito de comerciar seda com o ocidente. Na verdade, a seda era apenas o item de comércio que mais interessava do ponto de vista ocidental, mas muitos outros bens foram sendo comercializados e trocados ao longo da rota. E, o mais importante, a rota abre uma via de trocas culturais, religiosas e sociais na região¹⁰.

Para compreendermos melhor as dinâmicas destes caminhos que convergem em alguns pontos e se dividem ao longo do percurso, é importante lançarmos um breve olhar sobre a geografia da região a leste da Índia. Uma boa parte da região que separa a China da Ásia ocidental (e conseqüentemente da Europa) é ocupada pelo deserto do Taklamakan - um deserto frio situado na bacia do rio Tarim, na China. Este deserto (com cerca de mil km de extensão Leste-Oeste) é considerado um dos ambientes mais hostis do planeta. Ao contrário do deserto de Gobi (localizado ao norte), onde há um número relativamente grande de oásis e a água pode ser encontrada não muito abaixo

¹⁰ WILD, Oliver. *The Silk Route: The story of one of the world's oldest and most historically important trade routes and its influences on the culture of China, Central Asia and the West*. Irvine: University of California, 1992, p.5.

da superfície, o deserto de Taklamakan tem recursos muito mais esparsos. Para completar o quadro, ao sul deste deserto encontram-se algumas das montanhas mais altas do mundo: as cordilheiras do Himalaia, Karakorum e Kunlun. Finalmente, a Leste desta região temos o famoso Corredor de Gansu, uma faixa relativamente fértil correndo ao longo da base das montanhas Qilian, que separam o planalto mongol, o deserto de Gobi e o Platô Tibetano.

Assim, os caminhos que compõe a rota da seda, foram sendo compostos para que caravanas de mercadores pudessem cruzar terras hostis da melhor forma possível. Nem sempre tais empreitadas eram bem-sucedidas, e caravanas inteiras poderiam sucumbir às poderosas tempestades de areia no deserto de Taklamakan. Tais caravanas iam em direção a China levando ouro e outros metais preciosos, marfim, pedras preciosas, e vidro (que não teria sido fabricado na China até o quinto século). Na direção oposta, levavam cerâmica, jade, objetos de bronze, laca, ferro e seda¹¹.

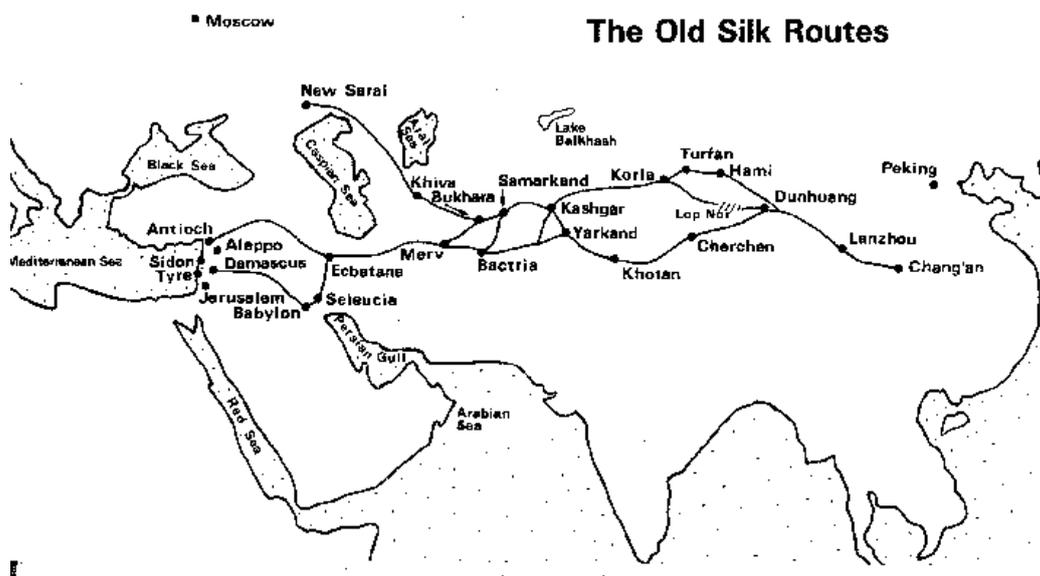


Figura 1: Mapa ilustrativo da Rota da Seda¹².

¹¹ WILD, Oliver. Op. Cit., p.7.

¹² Disponível em: <<http://www.silk-road.com/maps/images/map01.gif>>. Acesso em 25/10/2015.

2.1 A formação da rota da seda e os cruzamentos culturais: a escola de Gandhara

A área ao sul dos intervalos de Hindu Kush e Karakoram, agora o Paquistão e o Afeganistão, é uma região de fronteiras movediças, historicamente invadida por uma série de diferentes povos. Esta região é composta por encruzilhada de caminhos e rotas comerciais anteriores ao período de Alexandre o Grande, que já as utiliza em sua conquista de territórios na Ásia, no século IV antes de Cristo. Após os gregos, as tribos de Palmyra, na Síria, e, em seguida, os Partas, do leste do Mediterrâneo, tomaram a região. Esses povos acabam adotando o sistema de língua e moeda grega nesta região, introduzindo as suas próprias influências nas áreas da escultura e arte.

Nos calcanhares dos Partas vieram o povo Yuezhi a partir das fronteiras do norte do Taklimakan. Eles haviam sido expulsos de sua terra natal pela tribo Xiongnu (que mais tarde tornaram-se os hunos e transferem as suas atenções para a Europa), e se estabeleceram no norte da Índia. Seus descendentes se tornaram o povo Kushan, e no primeiro século d.C, que passam a governar esta área de encruzilhada, trazendo a sua religião budista adotada com eles¹³.

O produto desta união de culturas foi a escola de Gandhara, baseada no que hoje seria a região de Peshawar, no noroeste do Paquistão. Esta escola promove a fusão da arte grega e budista, que pode ser vista em esculturas de divindades budistas que carregam semelhanças fortes para a figura grega Heracles. O povo Kushan teria sido o primeiro a mostrar Buddha em forma humana. Antes deles, os artistas tinham preferido representar o Budha em sua forma insubstanciada, através de símbolos como a pegada (representando o vazio), as stupas ou árvore da iluminação. Assim, a escola de Gandhara, influenciada pela arte grega, criou a chamada arte “grecobúdica” e foi também

¹³ WILD, Oliver. Op. Cit., p.5.

responsável pela primeira representação figurativa do príncipe Sidharta, sentado e com auréola.



Figura 2: O Buda representado segundo os padrões da arte grega¹⁴

Atentos à dinâmica de circulação do poder e de informações, os budistas buscaram desenvolver formas plásticas que pudessem ser compreendidas por outras culturas, vinculadas a estilos que fossem internacionalmente difundidos. Por isso a escola de Gandhara começou a produzir uma série de esculturas utilizando técnicas e representações de estilo helênico para apresentar e difundir uma nova imagem de Buda até os confins do império romano. Antes disso, os indianos já havia produzido os mais diversos tipos de trabalhos com temáticas budistas, mas quase todos possuíam, ainda, uma forte influência da arte hindu¹⁵.

A apropriação do elemento grego não advinha simplesmente da proximidade dos reinos gregos que haviam se instalado na Ásia central após

¹⁴ Observar o tecido da vestimenta e suas pregas esculpidas de acordo com os padrões da escultura Greco-romana. Disponível em: <<https://pt.wikibooks.org/wiki/Budismo>>. Acesso em 25/10/2015.

¹⁵ BUENO, Andre. Arte e Religião na Rota da Seda - as Transformações na Iconografia Budista. In: *Transoxiana*, n. 12, Agosto de 2007. Artigo online. Disponível em: <http://www.transoxiana.org/12/bueno-religion_silkroad.php>. Acesso em 25/10/2015.

a morte de Alexandre, o Grande. O Helenismo, considerado um movimento cultural aglutinador na Europa, Mediterrâneo e em parte do Oriente Médio trazia uma estética e uma língua compreendida pelas mais diversas culturas, o que o tornava extremamente atraente para a difusão de idéias políticas, filosóficas e religiosas.¹⁶ Assim, a estética Greco-romana, colabora para esta difusão do budismo primordial por toda a Ásia. Tanto a cultura helenista quanto as imagens do Buda - que passam a transitar por diferentes povos, podem ser entendidos como resultantes destes trânsitos culturais e religiosos nos caminhos da rota da seda.

2.2. O lado oriental da Rota da Seda e a muralha da China

A extremidade oriental do percurso desenvolveu-se de forma mais lenta. Na China, o período dos Estados Combatentes termina com a Dinastia Qin, que unificou a China sob domínio do imperador Qin Shi Huangdi (por volta de 221 a.C). A partir disso temos um processo de unificação da linguagem e padronização de sistemas, e a capital Changan evolui para uma cidade grande, agora Xian. Qin Shi Huangdi é o responsável pelo famoso exército de terracota, descoberto em 1947.

A tribo Xiongnu havia invadindo periodicamente as fronteiras do Norte durante o período com uma frequência crescente durante o período dos Estados Combatentes. A maioria dos estados do norte tinha tentado neutralizar essas invasões construindo muralhas defensivas para impedir os invasores, e avisar de sua abordagem.¹⁷

Sob a dinastia Qin, em uma tentativa de subjugar o Xiongnu, uma campanha para juntar essas seções da muralha foi iniciada e a “Grande Muralha” nasceu. Quando a dinastia Qin termina em 206 a.C., depois de apenas 15 anos, a unidade da China foi preservada pela Dinastia Han do Oeste, que

¹⁶ Cf. BUENO, Andre.Op. cit.

¹⁷ WILD, Oliver. Op. Cit., p.6.

continuou a construir a Muralha. Durante uma de suas campanhas contra os Xiongnu, no reinado do imperador Wudi, os Hans foram informados por seus prisioneiros que os Yuezhi haviam sido expulsos de suas terras mais a oeste. Os Hans tentaram estabelecer um vínculo com esses povos, a fim de formar uma aliança contra o Xiongnu.

A primeira operação de inteligência nesse sentido foi em 138 a.C sob a liderança de Zhang Qian, e trouxe de volta muito de interesse para a corte, com informações sobre os estados até então desconhecidos para o oeste, e sobre uma nova raça maior, de cavalo que poderia ser usado para equipar a cavalaria Han. Neste ano, um grupo de “embaixadores chineses” a serviço da dinastia Han, faz uma primeira expedição para a região dos Yuezhi no norte da Índia.

Estimulado por suas descobertas, as missões Han avançaram cada vez mais para o oeste, podendo ter chegado até a Pérsia. Eles trouxeram de volta muitos objetos a partir dessas regiões, em particular algumas das obras religiosas de Gandhara, e também os famosos cavalos celestiais. Por este processo, a rota para o oeste foi aberta, e Zhang Qian ainda é visto por muitos como o pai da Rota da Seda¹⁸.

2.3 Trocas Religiosas: O Budismo na China e a Rota da Seda

Através da Rota da Seda, o Budismo (primeiro Theravada e depois Mahayana) entrou na China trazido por monges e mercadores oriundos da Índia. Pelas mesmas rotas entraram na China os textos budistas indianos que foram traduzidos para o chinês por gerações de monges políglotas - indianos,

¹⁸ SILKROAD FOUNDATION. Disponível em: <<http://www.silk-road.com/artl/buddhism.shtml>>. Acesso em 21/10/2015.

iranianos e chineses, que faziam peregrinações à Índia em busca de textos para traduzir¹⁹.

Quando o budismo chega na China no século I d.C. dá-se início a um longo processo de assimilação da doutrina pela cultura milenar chinesa, adepta do confucionismo e do Taoísmo, que vai receber esta nova religiosidade pelo prisma de seus conceitos anteriores. Talvez a história mais famosa deste período de chegada do Budismo na China é aquela que diz respeito ao sonho do imperador Han Mingdi sobre Buda. Em 68 d.C., Mingdi recebeu a visão de uma figura dourada em um sonho. Na manhã seguinte, ele perguntou a seus ministros que o sonho significava e foi dito que ele tinha visto o Buda - o deus do Ocidente. Depois disso, o imperador teria enviado seu funcionário Cai Yin para a Ásia Central para saber mais sobre o budismo.²⁰

Cai Yin foi devolvido após 3 anos na Índia e trouxe de volta com ele não apenas as imagens de Buda e escrituras budistas, mas também dois monges budistas nomeados She-mo-teng e Chu-fa-lan para pregar na China. Esta foi a primeira vez que a China tinha monges budistas e suas formas de adoração.²¹

Em 166 dC o Imperador Huan (da dinastia Han) anunciou formalmente o budismo como religião de estado ao permitir taoistas e budistas nas cerimônias realizadas no palácio. A agitação social na China no final da dinastia Han era tão grande que as pessoas estariam em um “estado de espírito receptivo para uma nova religião”.

Todas as escolas indianas teriam tentado penetrar na China, mas só as do budismo Mahaiana tiveram popularidade. Após este período de chegada do Budismo à China, conforme analisamos anteriormente, o império dos Han entra em derrocada, e em 311 os invasores das tribos Xiongnu (depois conhecidos como Hunos) instituem uma dinastia que passa a governar norte do país. O poder imperial chinês migra todo para o sul – que continua sendo governado

¹⁹ CHENG, Anne. *História do Pensamento chinês*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.402.

²⁰ SILKROAD FOUNDATION. Op. Cit.

²¹ Idem, *ibid*.

por dinastias chinesas. Segue-se então um período de três séculos de divisão entre norte e sul, e o Budismo acompanha inicialmente esta divisão: desenvolve-se um tipo de Budismo no sul da China mais intelectualizado, característico da classe letrada que havia migrado. A doutrina torna-se muito intelectualizada, transformando-se muitas vezes em conversação pura. O budismo torna-se a religião oficial do império quando o imperador Xiaowei (373-396) adere oficialmente à doutrina. Os monges neste período já contavam com grande prestígio na corte.

No norte, sob a égide dos reinados não chineses - que também fazem do budismo a religião oficial - os governantes menos inclinados à literatura também fazem do Budismo a religião oficial, mas neste caso utilizam os monges como hábeis conselheiros políticos, muito valiosos em virtude de seus “poderes ocultos”. Nesta China do norte, invadida por bárbaros e dilacerada pela guerra, predomina um budismo devocional e meditativo. A estas duas distinções essenciais do budismo chinês neste período, também corresponderiam dois tipos distintos de tradução - um tipo mais simples e direto corresponde ao norte, e um tipo mais refinado e literário que se adapta aos gostos do sul.

Este período em que a China está dividida, corresponde ao período que Anne Cheng chama de primeira fase do Budismo na China (séc. III e IV) quando a doutrina se vê completamente enredada pelos conceitos confucionistas e controvérsias chinesas da época. Segundo Cheng:

Aos olhos de um público já formado nas exigências do taoísmo religioso, para o qual o Budismo não era senão uma variante que abria o caminho para a salvação, era inevitável ocorrer um amálgama entre os dois.²²

Essa fusão se dá de forma bastante incisiva nesta fase inicial em virtude de um método de tradução desenvolvido no Sul, chamado de Geigi. Este método buscava essencialmente fazer coincidir o sentido, acasalando noções

²² CHENG, Anne. Op. Cit., p. 406.

chinesas de origem taoista com noções budistas. A Iluminação – Bodhi passaria a ser traduzida como Tao, o nirvana como não-agir (wu-wei) e assim por diante. Mas, enquanto no sul o Budismo rapidamente é amalgamado com a religião original do local, no Norte, governado por uma dinastia estrangeira, o Budismo mantém sua origem estrangeira, legitimando assim o poder real.

A partir da chegada do monge Kumarajiva a Changan (no início do século V d. C), também pela Rota da Seda, inaugura-se uma segunda fase deste processo de assimilação do Budismo na cultura chinesa. Este monge, que dominava muitas línguas, aplica-se à tradução de textos que iriam se tornar canônicos dentro do budismo chinês, como o Sutra da Terra Pura e o Sutra do Lótus. Graças a este trabalho, o público chinês teria sido verdadeiramente iniciado no Budismo Mahaiana de origem hindu, sem as adaptações anteriores. E os sutras que chegam neste momento são justamente aqueles da escola Mâdhyamika, fundada na Índia por Nagarjuna no século II d.C. A partir daí se desenvolve a longa história do Budismo na China, e novas gerações de monges chegam pelas rotas da seda.

Considerações finais

Conforme analisamos ao longo de nosso texto, a(s) rota(s) da seda teria(m) desempenhado um papel profundamente relevante na formação cultural e religiosa da China antiga, um papel que vai muito além das famosas trocas comerciais de tecidos e especiarias. Trata-se de um percurso que possibilitou, através de suas múltiplas vias, trânsitos religiosos e sociais fundamentais para a formação de identidades culturais da região. Desta forma, qualquer discussão acadêmica sobre o tema deve partir deste pressuposto da multiplicidade do caminho - tanto em termos geográficos quanto em termos de funções sociais, é impossível falarmos de uma rota da seda no singular.

Referências

- BUENO, Andre. Arte e Religião na Rota da Seda - as Transformações na Iconografia Budista. In: *Transoxiana*, n. 12, Agosto de 2007. Artigo online. Disponível em: <http://www.transoxiana.org/12/bueno-religion_silkroad.php>. Acesso em 25/10/2015.
- CHENG, Anne. História do Pensamento chinês. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GNERRE, Maria Lucia A. Uma viagem às engrenagens da Máquina Mercante: O texto anônimo do Roteiro do Maranhão a Goiaz. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas: 2006
- LANZA, Giorgio (org.) Marco Polo: *Il Milione*. Pavia (Itália): L'Unità - Editori Riuniti, 1982
- MARK, Joshua J. "Silk Road" In: *Ancient History Encyclopedia*. London, 2014. versão online: http://www.ancient.eu/Silk_Road/. Acesso em 20/10/2015
- SAID, Edward. *Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILKROAD FOUNDATION. Disponível em: <<http://www.silk-road.com/artl/buddhism.shtml>>. Acesso em 21/10/2015
- TODOROV, Tzvetan. "A viagem e seu relato". *Revista de Letras*, São Paulo, v.46, n.1, p.231-244, jan./jun. 2006.
- WILD, Oliver. *The Silk Route: The story of one of the world's oldest and most historically important trade routes and its influences on the culture of China, Central Asia and the West*. Irvine: University of California, 1992.